Festival do Cairo abre para o público egípcio, a partir desta quinta, as atrações de sua 47ª edição que escolheu começar de um jeito pop, com a exibição de "Eu Sou o Rocky"

Para Tarek, a dimensão política da programação está nas escolhas feitas: quais histórias são contadas, quais experiências ganham visibilidade

em vários países da nossa região e as crescentes questões relacionadas à identidade, à migração e ao pertencimento são realidades das quais o cinema pode se aproximar com extraordinária sensibilidade. Nossa programação reflete essas preocupações por meio de filmes que investigam seus impactos na vida dos indivíduos. O documentário "For Life", de Ahmet Seven, uma coprodução turco-palestina, é um exemplo. Ele aborda a experiência de palestinos/as a partir do desejo de uma mulher de ser mãe em condições de encarceramento e separação. Já "In This Darkness I See You", do cineasta libanês Nadim Tabet, selecionado para a Competição Internacional, explora as tensões entre trabalhadores sírios e moradores de vilarejos de sua nação por meio da linguagem do cinema de gênero. Esses filmes demonstram como diferentes formas cinematográficas podem iluminar as realidades políticas e sociais da nossa região. Ao mesmo tempo, o cinema nos oferece a possibilidade de imaginar um futuro diferente. Nesse contexto a escolha de "Eu Sou o Rocky", dirigido por Peter Farrelly, ganha um significado especial.

De que forma?

O filme conta a história de um jovem Sylvester Stallone, interpretado por Anthony Ippolito, que escreveu "Rocky" e lutou para interpretar o personagem que havia criado, apesar dos enormes obstáculos que encontrou pelo caminho. É uma história sobre convicção artística, resiliência e coragem para acreditar na própria visão. Há também uma bela coincidência histórica. Em 1976, "Rocky" chegou pela primeira vez às telas de cinema, enquanto o Festival Internacional de Cinema do Cairo começava sua própria trajetória. Cinquenta anos depois, essas duas histórias voltam a se encontrar no Cairo, na abertura da nossa 47ª edição. Depois de sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Toronto, onde ficou em segundo lugar na disputa pelo Prêmio do Público, o longa de Farrelly chega ao Cairo com uma mensagem especialmente relevante para o momento atual: toda conquista significativa começa com um sonho, e a determinação de protegê-lo pode transformar a vida de uma pessoa, uma carreira artística ou até mesmo uma instituição inteira.

Como o cinema egípcio está se reconstruindo hoje por meio do Festival do Cairo? De que maneiras o evento abre novas oportunidades para a indústria?

O cinema egípcio atravessa um período de transição particularmente interessante. Estamos testemunhando o surgimento de uma nova geração de cineastas que traz perspectivas renovadas, explora diferentes formas de narrativa e constrói novas relações com o público e com a indústria cinematográfica internacional. Ao mesmo tempo, realizadores já estabelecidos continuam se reinventando e contribuindo para a evolução do nosso cinema. Acredito que o Festival Internacional de Cinema do Cairo tem um papel importante no apoio a essa transformação. Hoje, um festival precisa criar oportunidades que vão muito além da exibição de filmes finalizados. Pode se tornar um espaço onde projetos nascem, parcerias criativas são estabelecidas e cineastas adquirem o conhecimento e os contatos necessários para desenvolver suas carreiras. Este ano, estamos ampliando esse ecossistema com o programa New Wave, que recebeu mais de 850 inscrições e reúne 100 cineastas em início de carreira, incluindo 70 participantes de fora do Cairo. Essa diversidade geográfica é particularmente importante para nós.

Olhando para a tradição, qual filme fez você se apaixonar pelo cinema egípcio? E qual obra conseguiu apresentar melhor o Egito ao mundo?

Em termos pessoais, um dos filmes que me fizeram apaixonar profundamente pelo cinema egípcio foi "Alexandria... Por que?", de Youssef Chahine, lançado em 1989. Fiquei fascinado pela liberdade com que Chahine transitava entre autobiografia, reflexão política, fantasia, música e o próprio universo da realização cinematográfica. Quanto ao filme que melhor apresentou o Egito ao mundo, escolheria "A Noite da Contagem dos Anos" ("Al-Momia"), de Shadi Abdel Salam, lançado em 1969. Sua extraordinária linguagem visual, a relação profunda com a história egípcia e as reflexões sobre memória, identidade e nossa responsabilidade diante do passado fazem dele uma obra-prima verdadeiramente universal.

Como a Fipresci, com sua influência simbólica, redefine o papel da crítica cinematográfica em suas dimensões jornalística, política e artística?

A influência da Fipresci vem do compromisso com o julgamento crítico independente e da capacidade de reunir profissionais de origens culturais, linguísticas e cinematográficas das mais diferentes. O Prêmio Fipresci tem um significado particular pois representa o reconhecimento de pessoas cuja profissão se baseia na análise cuidadosa do cinema como linguagem artística, fenômeno cultural e forma de expressão. Essa distinção pode ajudar a apresentar cineastas emergentes e obras singulares ao público internacional, a distribuidores e a programadores de festivais.

O que significa ser crítico de cinema hoje, na era do TikTok e das plataformas de streaming?

A crítica cinematográfica sempre ocupou uma posição interessante na interseção entre jornalismo, arte e política. Sua responsabilidade jornalística está em observar, documentar e contextualizar o que acontece na cultura cinematográfica. Sua responsabilidade artística está em compreender e interpretar a linguagem do cinema. Sua dimensão política aparece no envolvimento com questões de representação, identidade, poder e relação entre cinema e sociedade. Hoje, todas essas responsabilidades se tornam cada vez mais importantes. O TikTok, as redes sociais e as plataformas de streaming transformaram a maneira como os filmes são descobertos, discutidos e consumidos. O público tem acesso a mais cinema do que nunca, e as conversas sobre filmes se tornaram mais imediatas e diversificadas. Essas mudanças também criaram oportunidades para uma nova geração de críticos alcançar espectadores por meio de formatos inovadores. No entanto, a velocidade da comunicação digital e a pressão por visibilidade determinada pelos algoritmos podem estimular reações instantâneas, julgamentos simplificados e uma cultura de classificações permanentes. O desafio de um crítico de cinema hoje é preservar a profundidade, a independência e a curiosidade intelectual da crítica, ao mesmo tempo que abraça as possibilidades oferecidas pelas novas mídias. Um vídeo curto pode oferecer uma perspectiva crítica verdadeiramente perspicaz, assim como um ensaio longo pode explorar as diversas camadas de um filme complexo. O valor da crítica está na qualidade da observação, na originalidade do pensamento e na capacidade do crítico de enriquecer nossa compreensão do cinema. Em uma época em que os algoritmos influenciam cada vez mais aquilo a que assistimos, a voz independente do crítico se torna uma parte vital da nossa liberdade de descobrir o cinema.

CONCORRENTES À PIRÂMIDE DE OURO DE 2026

Divulgação



'Heysel 85' é um dos 12 concorrentes à Pirâmide de Ouro de 2026

"Al Baraneya", de Ashgan El-Hamus (Egito/Holanda/Bélgica/Arábia Saudita);

"BerleeN_", de Ahmad Abdalla (Egito/Alemanha);

"Four Minus Three", de Adrian Goiginger (Áustria/Alemanha);

"Heysel 85", de Teodora Ana Mihai (Bélgica/Holanda/Alemanha);

"In This Darkness I See You", de Nadim Tabet (Líbano/França/Catar);

"Inherited", de Morteza Alizadeh (Irã);

"Love Is the Monster", de Neto Villalobos Brenes (Costa Rica/Peru/Panamá/Chile/México); "Strawberries", de Laïla Marrakchi (Marrocos/França/Espanha/Bélgica);

"The Ballet Lesson", de Kazuya Murayama (Japão);

"The Green Eyes", de Fanny Liatard e Jérémy Trouilh (França/Bélgica/Suécia);

"Words of Love", de Rudi Rosenberg (França);

"Yugo Goes to America", de Filip Grujic e Aleksa Borkovic (Sérvia/Croácia).

Claire Folger/Amazon Content Services



'Eu Sou o Rocky' é o longa de abertura do festival egípcio